

Por que o divã?

perspectivas de escuta
e a poética da psicanálise

LUCAS KRÜGER

Blucher

ARTES & ECOS



Por que o divã?

perspectivas de escuta
e a poética da psicanálise

LUCAS KRÜGER

Blucher

ARTES & ECOS 

Por que o divã? Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise

© 2023 Lucas Krüger

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Andressa Lira

Editora Artes & Ecos.

Editor Lucas Krüger

Preparação e revisão Andréa Ilha e Mauricio Wajciekowski

Diagramação Luísa Zardo

Capa Lucas Krüger



Artes & Ecos

contato@arteseecos.com.br

www.arteseecos.com.br

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pelas Editoras Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Krüger, Lucas

Por que o divã? : perspectivas de escuta e a poética da psicanálise / Lucas Krüger. – 1. ed. - São Paulo : Blucher ; Artes & Ecos, 2023.

352 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-735-4

1. Psicanálise 2. Escuta psicanalítica I. Título

23-1802

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

11 NOTA EDITORIAL

13 PREFÁCIO O divã imprevisível — por Daniel Kupermann

21 ABERTURA

29 PARTE I — Perspectivas de escuta

- 31** 1. O divã-reminiscência de Sigmund Freud
- 39** 2. O divã, a criança que vive no adulto e as ousadias técnicas de Sándor Ferenczi
- 47** 3. O divã-corpo de Donald Woods Winnicott
- 59** 4. O divã-pele de Didier Anzieu
- 63** 5. O divã de André Green — o modelo do sonho, outras contribuições e equívocos
- 83** 6. Thomas Ogden e a privacidade no divã
- 95** 7. Christopher Bollas e o divã evocativo
- 111** 8. Um divã distante em Jacques Lacan?
- 121** 9. O divã em latência de René Roussillon
- 133** 10. O processo criativo do analista e o divã para Melanie Klein
- 139** 11. O divã embrionário de Wilfred Bion
- 149** 12. O divã dramatúrgico e neuropsíquico de James Grotstein

| | | | |
|-----|--|-----|--|
| 157 | 13. O divã como auxiliar a um “roteiro fílmico” de John Munder Ross | 251 | 6.3 A <i>roupagem simbólica</i> : uma conceitualização |
| 163 | 14. Outros autores e as diversas formas de pensar o trabalho psicanalítico a partir do divã | 255 | 6.4 A tecelagem psíquica — um caminho para pensar os papéis transferenciais |
| 203 | 15. Breves comentários finais | 261 | 7. O divã/ <i>diwan</i> e a metáfora da nuvem na clínica |
| 205 | PARTE II — A poética da psicanálise | 261 | 7.1 Retomando a proposta de <i>regiões psíquicas</i> para pensarmos a clínica |
| 207 | 1. Introdução — O <i>self</i> teórico-clínico de um analista em diálogo com outros | 263 | 7.2 Os mecanismos psíquicos de defesa e as regiões internas predominantemente neuróticas |
| 211 | 2. Algumas considerações sobre a história e a etimologia da palavra divã | 269 | 7.3 A importância do divã para a clínica além da neurose |
| 215 | 3. O brincar como essência do processo psicanalítico | 289 | 7.4 A sala de atendimento como um todo e sua relação com os processos inconscientes |
| 215 | 3.1 A criança-poeta de Freud e o jogo das nuvens de Goethe | 296 | 7.5 Considerações a respeito da análise de crianças — o divã enquanto cama, barco e castelo |
| 220 | 3.2 As nuvens, os poetas e o criacionismo de Vicente Huidobro | 299 | 7.6 O compartilhamento da poesia interna singular e a apresentação da <i>roupagem simbólica</i> — penúltimas palavras |
| 225 | 3.3 O <i>diwan</i> enquanto nuvem — a <i>re-forma</i> em análise | 309 | ÚLTIMAS PALAVRAS |
| 229 | 4. As regiões psíquicas e o estado de nuvem | 315 | EXTRAS |
| 239 | 5. A nuvem, a condensação e o fazer poético: reflexões sobre o <i>Dichter</i> , a <i>Dichtung</i> e a <i>Verdichtung</i> | 317 | Poema “Criação” |
| 245 | 6. A <i>roupagem simbólica</i> e as suas apresentações na clínica a partir do <i>estado de nuvem</i> | 319 | Provocações a respeito dos atendimentos remotos <i>online</i> : A necessidade do divã ou um substituto que não o olhar |
| 245 | 6.1 Brevíssimo prelúdio | 333 | REFERÊNCIAS |
| 246 | 6.2 Reflexões essenciais sobre a <i>Verkleidung</i> (disfarce/roupagem) e a <i>Darstellung</i> (apresentação) | | |

1. O divã-reminiscência de Sigmund Freud

Não é possível discutirmos o divã, na psicanálise, sem começarmos por refletir sobre o uso que Freud fez desse instrumento. Apesar de o divã ter se tornado essencial em sua prática psicanalítica e ter naturalmente sido incorporado por todos os psicanalistas desde então, são raros os escritos de Freud que o mencionam. As melhores ideias nem sempre surgem de maneira elaborada, e o uso do divã corrobora essa afirmação, já que não foi um recurso inicialmente pensado para a prática psicanalítica, mas, sim, um “remanescente do método hipnótico”,¹ como prefere sintetizar Freud. De fato, seu divã lhe foi dado de presente por uma paciente (Madame Benvenisti), no início dos anos 1890, segundo o historiador e biógrafo Peter Gay, a partir de comentários realizados por Marie Bonaparte — ainda antes de a palavra *psicanálise* aparecer pela primeira vez apenas em 1896, no escrito *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. Segundo Gay,² o divã de Freud, por si só, constituía um “espetáculo”:³

1 Freud, (1913) 1996e, p. 149.

2 Gay, 1989, p. 168.

3 Um entendimento do que seria da ordem desse mencionado “espetáculo” estaria ligado ao encenar e a uma “peça” do Inconsciente, que será mais bem desenvolvida na Parte II deste livro.

As estantes envidraçadas estavam repletas de livros e cobertas de objetos; as paredes eram forradas de instantâneos e daguerreótipos. O famoso divã constituía por si só um espetáculo, amontoado de almofadas, com um tapete aos pés para o uso dos pacientes, caso sentissem frio, e coberto por um tapete persa, um Shiraz.⁴

No entanto, para além dos fatos e da descrição do divã de Freud, procuremos também tentar ler/escutar a complexidade de sua afirmação, aparentemente simples, de que o divã é um “remanescente do método hipnótico”. A ideia de o divã ser um remanescente, portanto, uma reminiscência de outro período, faz todo o sentido se pensarmos a maneira como Freud encarava a clínica, não? Ao longo deste capítulo, convido o leitor a discutirmos algumas questões, dentre as quais, a inicialmente colocada.

Primeiramente, sinalizemos que o fundador da psicanálise nos acompanhará em todo percurso que envolverá os demais capítulos e autores presentes nesta primeira parte, bem como nas ideias propostas na segunda parte. Isso faz com que este capítulo seja apenas uma provocação inicial à discussão. Aos poucos, à medida que o livro segue, iremos rediscutindo e revelando outras funções do divã, que podem ser “encontradas” dentro da teoria freudiana. Para tanto, peço paciência ao leitor, e que se contente com as primeiras questões levantadas neste capítulo, aguardando se tornarem mais complexas até o fim de nossa jornada.

4 Uma discussão a respeito da funcionalidade dos objetos inanimados da sala do analista enquanto auxiliares ao processo analítico é desenvolvida por Christopher Bollas, conforme será visto no capítulo “Christopher Bollas e o divã evocativo”. O uso de cobertores ou análogos, para se cobrir durante a sessão de análise, são comentados por Winnicott e Didier Anzieu, conforme veremos nos capítulos que pretendem trazer suas contribuições, mas também são encontradas em outros autores, que serão mencionados posteriormente. Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, há passagem em que Freud assinala que o analisando ocupa-se mentalmente com a “aparência da sala”, “pensa nos objetos do consultório” e sobre o fato de estar deitado no divã [Freud, (1912) 1996d, p. 153].

O estatuto do divã está em uma lacuna não escrita da obra Freud, e apenas permite que imaginemos o que poderia estar presente nesse “espaço em branco”, já que Freud jamais o discutiu a partir da metapsicologia. Começemos por relembrar suas palavras em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*:⁵

Devo, contudo, tornar claro que o que estou asseverando é que esta técnica é a única apropriada à minha individualidade; não me arrisco a negar que um médico constituído de modo inteiramente diferente possa ver-se levado a adotar atitude diferente em relação a seus pacientes e à tarefa que se lhe apresenta.

Freud desenvolve um modo técnico de trabalhar apropriado à sua pessoa, enquanto analista, mas não necessariamente apropriado para outros analistas. Assim, deixa em evidência que a singularidade do analista é fundamental para o uso dos recursos técnicos e, além disso, indica ser possível que outro psicanalista possa encontrar meios distintos de realizar uma análise, não necessariamente os mesmo que ele, Freud, encontrou. O desenvolvimento da análise de crianças e toda uma nova gama de recursos e possibilidades de escuta que se abrem, a partir disso, servem como ótimos exemplos desses distintos modos de trabalhar psicanaliticamente.

*Sobre o início do tratamento*⁶ é o único texto em que Freud reflete sobre o uso do divã. Já no começo, adverte-nos de que suas recomendações não devem ser seguidas de maneira incondicional. É de seu interesse que haja uma reflexão sobre elas, um pensamento crítico e clínico do leitor-analista para justificar suas práticas. É nesse texto que o fundador da psicanálise compartilha, com os leitores, que o divã não é um recurso inicialmente pensado para a prática analítica, mas, sim, um remanescente do método hipnótico. Apesar de parecer simples, é curiosa essa colocação aparentemente ingênua de

5 Freud, (1912) 1996d, p. 125.

6 Freud, (1913) 1996e, p. 139.

Freud, pois ela carrega a ideia de um objeto que contém um resquício de um outro momento, de um outro funcionamento. Como quem conversa com o leitor “livremente”, Freud estaria a demonstrar o que o divã significa para ele enquanto analista: um objeto que contém um rastro de outro momento/época/funcionamento. O objeto-divã remeter a um rastro anterior não pode ser encarado como insignificante.

Creio que pensar o divã em Freud significa pensá-lo, primeiramente, a partir do prisma das reminiscências. Por isso, proponho refletirmos sobre o seu uso como intrinsecamente ligado ao que cada analista considera como objeto — e objetivo — de análise.⁷ Acentuar o caráter remanescente que há no divã faz todo o sentido, se pensamos o legado clínico de Freud: Mesmo com algumas reconfigurações teóricas, feitas ao longo do tempo, é possível dizer que seu pensamento clínico fundamental volta-se para a ideia de algo do passado, que está vivendo no presente. Aliás, essa fórmula (do passado vivo no presente) é uma maneira de tentar explicar a inexplicável (por mais que tentemos) e apenas experienciável *transferência*.⁸ Há um rastro que permanece e vive no presente, mesmo quando imperceptível.

Se, como estamos a pensar, o divã possui suas próprias reminiscências históricas, ao refletirmos sobre a prática clínica de Freud, concluiremos que ele escutava uma pessoa com seus rastros, deitada em um instrumento-objeto-mobília com seus rastros. Estaríamos diante de um divã-veículo de passear na história, de voltar no tempo, um veículo de afeto, um traço que liga o Inconsciente à transferência? Poderíamos inferir que o divã é a mobília-objeto de trabalho “ideal” para Freud, pelo seu significado transferencial de “rastro passado”; porém, ele nunca escreveu isso. É apenas uma tentativa de escutar algo latente a partir de uma escuta imaginativa que

7 Tal proposição deve se tornar mais clara quando, nas partes subsequentes deste livro, apresentarem-se os pensamentos de outros psicanalistas.

8 Ainda que, como devemos saber, o trabalho via campo transferencial inclui trabalhar também com o “novo”, que advém do encontro singular entre analista e analisando.

procura tatear o que está para além do manifesto. Parece-me fundamental a um psicanalista colocar o imaginar como uma função importante da criação de hipóteses no trabalho em análise. Essa questão da imaginação será vista melhor depois de avançarmos um tanto em outras contribuições. André Green, aliás, faz ótima interpretação, sob outro ângulo, da função do divã, a partir do modelo do sonho da metapsicologia freudiana.⁹

Não nos esqueçamos do papel central da sexualidade na teoria freudiana, e, assim como aventamos o uso do divã, por Freud, por conta de seus rastros históricos, facilmente poderíamos aventar seu uso por conta da sexualidade. O divã aludiria à cama — local íntimo, onde comumente as relações sexuais acontecem, e sua horizontalidade remeteria à própria relação sexual. Essa é uma faceta fundamental também para o trabalho da relação transferencial. Por conseguinte, o divã seria facilitador à emergência da sexualidade infantil e da genitalidade, o que, factualmente, é uma questão central na histeria, patologia à qual Freud se dedicou profundamente. A cama é um local íntimo desde a infância — até mesmo desde o nascimento — e sua ligação com a sexualidade infantil e as pulsões parciais também estariam contempladas e facilitadas através do uso do divã.

Em outras palavras, poderíamos dizer que o divã é o veículo para o retorno do recalado. O analisando deitado nela manifestaria, por meio de deslocamentos e condensações — valendo-se da transferência com o analista —, conteúdos latentes de suas vivências primevas, da sua sexualidade infantil. A partir desses conteúdos manifestos em sessão é que se daria o processo analítico, visto que são os conteúdos manifestos, disfarçados pela ação do recalamento, que permitiram o

9 A proposta de André Green é apoiada na metapsicologia de Freud, mas deve ser encarada como uma contribuição original de Green, visto que Freud não estabeleceu as interessantíssimas correlações entre o uso do divã e a sua metapsicologia, como as realizadas por Green. Veremos as conjecturas de André Green no capítulo “O divã de André Green — o modelo do sonho, outras contribuições e equívocos”, lembrando que não apenas Green se ocupa de pensar a função do divã tomando Freud como ponto de partida.

acesso do trabalho psicanalítico envolvendo os conteúdos inconscientes. Isto é, o uso do divã estaria em consonância com a clínica das patologias neuróticas.

Retornando ao *Sobre o início do tratamento*, notaremos que Freud compartilha não suportar ser encarado fixamente por muitas horas. Ao escutar um analisando, entregar-se-ia “à corrente de seus pensamentos inconscientes” e não desejaria que suas expressões faciais influenciassem na associação livre do analisando. Para ele, isso pode ser sentido como um incômodo pelo analisando, especialmente se um impulso escópico tem papel importante em sua neurose. Freud afirmava estar ciente de que muitos analistas trabalhavam sem o móvel, mas não sabia confirmar se o faziam por um anseio em agir diferentemente ou por parecer vantajoso para eles, de alguma maneira, fazê-lo. Mesmo que muitos analisandos tivessem resistência ao uso do divã, geralmente por não quererem deixar de enxergar o analista, Freud preferia recusar o tratamento face a face.¹⁰ Insistia no uso do divã por conta da transferência, pois ele tem “o propósito e o resultado de impedir a inadvertida intromissão da transferência nos pensamentos espontâneos do paciente, de isolar a transferência e fazer que no devido tempo ela se destaque nitidamente como resistência.”¹¹ Sob esse prisma, somos levados a pensar, também, no divã como uma espécie de protetor da “neutralidade” defendida por Freud, a tentar demarcar uma separação entre o que é de um e o que é de outro psiquismo, nos processos de análise.

Apesar dos esforços imaginativos para encontrar sentidos latentes do uso do divã em Freud, apoiados em sua teoria — mas não enunciados por ele —, não podemos negar que são, efetivamente, suas motivações e limitações pessoais (seu incômodo com o olhar), e não motivações metapsicológicas o que ele compartilha como justificativa para o uso. Tal apontamento nos ajuda a pensar sobre não negligenciarmos os

¹⁰ Freud, (1913) 2010, p. 186.

¹¹ Freud, (1913) 2010, p. 179.

incômodos e as dificuldades do analista. O incômodo com o olhar do analisando, relatado por Freud, sinaliza que a qualidade da escuta do analista pode ficar prejudicada por esse olhar do outro, que incidiria como um elemento a mais a ser processado pelo analista, ou seja, um excesso.

O divã visaria proteger a qualidade da escuta — da atenção flutuante — e, também, proteger a associação livre do analisando.¹² Fazer uso do divã seria uma forma de operar o devido cuidado para que possíveis reações do analista não atrapalhem o livre associar do analisando, influenciando negativamente no tratamento. Sob essa perspectiva, portanto, o divã seria um artifício para que o analista não atrapalhe o processo do analisando.

Para além dessas questões, é preciso que continuemos a problematizar: por que e para que usar o divã? Sigamos pensando nessas provocações iniciais, a partir das contribuições seguintes.

¹² Essa questão é mais bem desenvolvida no capítulo “Thomas Ogden e a privacidade no divã”.

Em trabalho de grande fôlego e a partir de uma pesquisa inédita que coloca o divã no centro do debate, Lucas Krüger percorre a história da psicanálise, apresentando e discutindo contribuições de inúmeros psicanalistas a respeito do tema-título para, na sequência, expor seu singular pensamento. Tomando como ponto de partida o prisma etimológico e poético de *diwan*, Krüger trabalha uma rede de conceitos que culminam no conceito de *estado de nuvem* como um auxiliar à clínica psicanalítica.

ARTES & ECOS 



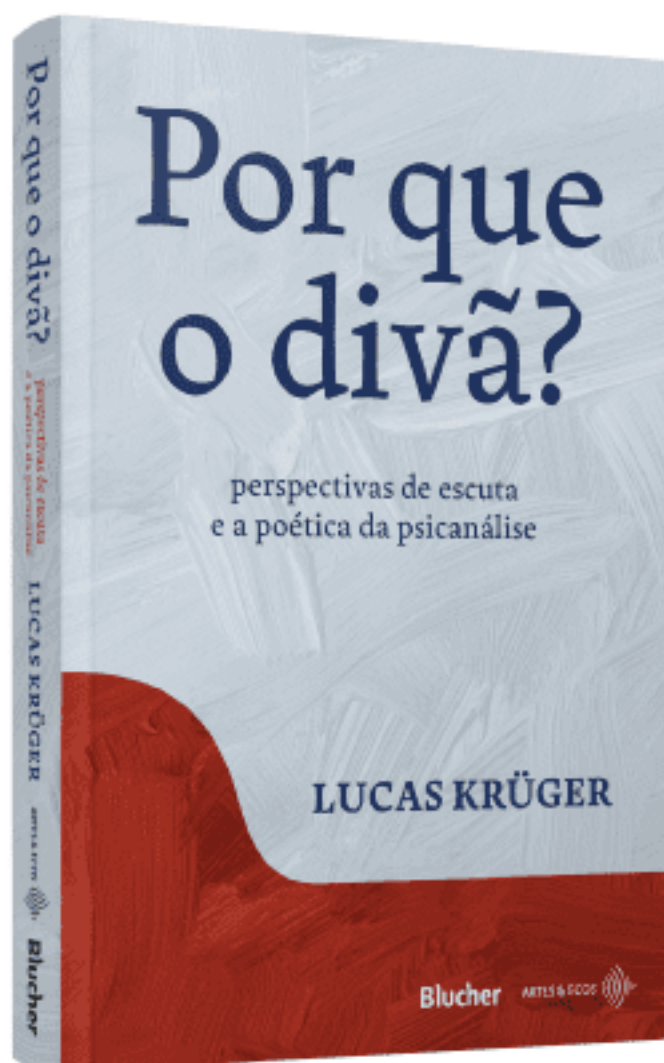
www.artesecos.com.br



Blucher



www.blucher.com.br



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Por que o divã?

Perspectivas de escuta e a poética da psicanálise

Lucas Krüger

ISBN: 9786555067354

Páginas: 352

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
